

# A ESCOLA PRIMARIA

## Revista de Educação

### SUMMARIO

<i>Afranio Peixoto</i> .....	Maioridade
—	O Novo Director
—	Nosso Anniversario
<i>Arthur Magioli</i> .....	Vinte e um annos
<i>Hemeterio dos Santos</i> .....	O Maior Poeta
<i>Bastos de Avila</i> .....	Caderneta de Saude
<i>P. A. Pinto</i> .....	Lingua Materna
<i>O. S. Reis</i> .....	Educação Moral e Civica
<i>Iracema de Matos Garcia</i> .....	Gonçalves Dias
<i>Consuelo Pinheiro</i> .....	Criança Problema
<i>Mestre Escola</i> .....	Guia para a observação e tratamento das cre-
<i>Aurea Xavier</i> .....	anças difficeis.
	Tres palavrinhas
	Brasil escravocrata

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

BRASIL

BN  
I 233-  
1 20

# Banco Hypotecario "LAR BRASILEIRO"

S. A. CREDITO REAL

Construções com financiamento — Pequenas e grandes quantias — Longo prazo para pagamento

Deposito em conta á vista e a prazo ás melhores taxas

Rua do Ouvidor, 90

Tel. 23-1825 RIO DE JANEIRO

EM

**CAMBUQUIRA**

Procurai

**"ELITE HOTEL"**

O QUE MAIS CONFORTO OFFERECE AOS SENHORES VERANISTAS — O MELHOR DE TODAS AS ESTANCIAS HYDRO-MINERAES DO BRASIL

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio de Janeiro

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações eléctricas, agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a elegancia e o bom gosto

As diarias vão de 15 a 20\$000, conforme os dormitórios. Os professores gozarão, a pedido da direção desta revista, de uma redução de 0% quando acompanhados de familia.

Para mais informações dirigir-se ao proprietario

**JULIO DE ANDRADE LEMOS**

OU A ESTA REDACÇÃO

ANNO XXI N° 1 — N° avulso 1\$200 — Abril de 1937

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Directores responsaveis:

ALFREDO C. DE FARIA ALVIM e  
RUY CARNEIRO DA CUNHA

Superintendentes do Departamento de Educação

REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174  
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
6 mezes..... 6\$000

## SUMMARIO

Afranio Peixoto..... Maioridade  
— O Novo Director  
— Nosso Anniversario  
Arthur Magioli..... Vinte e um annos  
Hemeterio dos Santos..... O Maior Poeta  
Bastos de Avila..... Caderneta de Saude  
O. S. Reis..... Educação Moral e Cívica

Tracema de Matos Garcia..... Gonçalves Dias  
— Criança Problema  
Consuelo Pinheiro..... Guia para a observação e tratamento das creanças difficéis.  
Mestre Escola..... Tres palavrinhas  
Aurea Xavier..... Brasil escravocrata

## Maioridade

Não é sem desvanecimento que meus Amigos d'A Escola Primaria lembram-se de mim para estas palavras de mutua congratulação, pelo anniversario de nossa revista, que completa a sua maioridade.

...Dá que pensar, na vida curta do homem, a continuidade de labor por um trecho tão amplo de existência... sobretudo, a quem tem consciencia, um dia de anos é de responsabilidade, pois o balanço da memoria nos recorda bons e maus momentos, e o fóro intimo nos chama a contas, se temos, ou não, cumprido o nosso dever...

Vi-a nascer, A Escola Primaria. Uma idéa generosa de Estér Pedreira de Melo, a primeira e a maior das inspetoras escolares do Rio de Janeiro, uma abnegação ou santidade leiga, ao serviço de instrução popular, transmitida por mim a um benemerito livreiro, que labutava no quotidiano das edições primarias. O editor Francisco Alves descobriu o veio de livro escolar barato, feito por competente e tão multiplicado que ainda a preço diminuto, era arrimo do autor e compensação do industrial. Esse homem bom e digno achava-se sempre a dever a instrução primaria. Sem vacilar, para perder dinheiro, embora, aceitou logo as responsabilidades da empresa.

Começou a vida da revista honesta e séria, prestimosa e assídua, e são vinte e um anos que ela cumpre consigo e conosco, agora sob a direção do nosso Alfredo Ce-

sário de Faria Alvim, que resume, na sua abnegação dedicada á nossa causa, todos os amigos — e ia dizer parentes—d'A Escola Primaria.

Ela é a unica expressão de um professorado, de grande Estado da União, que é o Distrito Federal, espiritualmente intercomunicante por ella, sensório comum da profissão, que sem ella estaria reduzido apenas aos liames administrativos.

No seu trabalho obscuro, de madrepórea, que constroe no silêncio do pégo submarino, lentamente, imperceptivelmente, um mundo, um continente, que aflorará um dia ao batismo da aurora á gloria da luz, e a peregrinação de terra firme, o professor primario, que argamassa as gerações pela educação essencial, tem apenas uma comunicação profissional com a sua classe... E' a sua revista, que lhe fala dos interesses e das preocupações comuns, dos progressos e das novidades pedagógicas, das reformas e das promessas esperadas... Confidente de centenas, de milhares de autores, não é pequena a benemerência d'A Escola Primaria, pequeno traço de união entre todos e tantos homens e mulheres sagrados á mais santa das causas nacionais. Esses vinte e um anos — Deus os faça um dia centenarios... — vividos com honradez, nos dizem que vamos cumprindo nosso dever...

AFRANIO PEIXOTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

## O NOVO DIRECTOR

Nesta data ingressa na directoria d' «A Escola Primaria» o DR. RUY CARNEIRO DA CUNHA, conhecido e acatado Superintendente de Saúde e Hygiene, do Departamento de Educação da Prefeitura, e figura de destaque nos meios culturaes da cidade.

E' com vivo prazer que esta revista o acolhe entre os seus dirigentes, na certeza de que de sua acção, orientada por lucida intelligencia e solida cultura, muito terão a lucrar aquelles que a honram com o seu benevolo acolhimento.

Quem é e de que é capaz o novo companheiro, desnecessario se torna dizer, taes e tão bem conhecidos são os seus predicados de cultura e intelligencia, constantemente preocupado com os novos problemas educacionaes, que a cada passo se apresentam desafiando a competencia dos mestres.

Orgulha-se «A Escola Primaria» de tel-o em sua direcção, pois está certa de que, com RUY CARNEIRO DA CUNHA, mais facil lhe será proseguir na tarefa ha vinte e um annos iniciada, de bem servir á causa do ensino em nossa Patria.

## NOSSO ANNIVERSARIO

A Escola Primaria dá inicio com o presente numero ao vigesimo primeiro anno de sua publicação, entrando assim no periodo correspondente á maioridade legal da pessoa, e não podemos deixar que passe a ephemeride sem recordar ainda uma vez a lealdade com que temos procurado cumprir o programma que desde principio nos traçamos.

Pretendemos ser, e parece-nos que temos sido, modesta mas francamente e sem vacillações, o órgão autorizado das aspirações do professorado e o repositório de sua experiencia fecunda.

Fundou-a, com Afranio Peixoto, um grupo de inspectores escolares da capital da Republica; manteve-a sempre, através de não poucas difficuldades um grupo de dedicados amigos, a que a morte implacavel foi attingindo, mas que sempre se recompoz com elementos não menos abnegados. E esta é a historia de todos os empreendimentos humanos.

São tantos os companheiros já desaparecidos dentre os vivos, que já não é licito recordá-los nominalmente. Sentimos,

aliás, que seu espirito permanece, immortal, animando o zelo e a dedicação dos que ainda restam e dos que vieram preencher as lacunas.

Jamais nos faltou a sympathia do professorado; quasi nunca, tambem, a dos adminisradores, a que temos procurado apoiar e animar em suas iniciativas de boa vontade.

Continuemos, pois, a ser o que temos sido, trabalhando sinceramente pela educação do povo e procurando cercar de prestigio que merece a grande classe do magisterio nacional, em quem o Brasil possui os mais leaes e os mais efficientes obreiros.

Grandes já têm sido, felizmente, os resultados da campanha em que temos sido parte. Maiores ainda os louros que ha de colher a nobre classe e os beneficios que por ella auferirá a Patria.

Entrando na phase de sua maioridade A Escola Primaria pretende continuar o que tem sido, pois não vê melhor programma. Assim a ajude, como até hoje, o apoio dos leitores.

## Vinte e um anos

Encontramo-nos no mercado de flores, ali na praça Olavo Bilac.

Fôra um encontro casual, eramos, no entanto, impulsionados pelo mesmo pensamento, adquirir flores para enviar ao Cesario Alvim, numa demonstração muito carinhosa de solidariedade na grande alegria experimentada por haver attingido o seu vigesimo primeiro aniversario «A Escola Primaria».

Eramos quatro, eu, o Sylvio, o A. M. e um outro companheiro que até hoje não me foi dado saber o nome, subscritores que haviamos sido durante muito tempo de artigos para a aniversariante.

E, amistosamente, aspirando o perfume de myriades de flores ali expostas á venda, recordámos os deliciosos dias em que os quatro asafamados davamos o melhor da nossa intelligencia para que a Revista não falhasse no dia determinado á sua aparição.

Eu fôra escolhido para seu redator-chefe. Já havia colaborado em alguns jornaes e o fisera porém, não tendo sobre os hombros as responsabilidades de redator.

Aceitára o logar timidamente, e me sentia canhestro no desempenho das suas graves funções.

E rimo-nos á lembrança das minhas difficuldades para não deixar de escrever um artigo no primeiro numero da Revista. O de fundo coubera ao Afranio Peixoto, numa homenagem justissima, pois ao seu grande prestigio deviamos toda atracção no sentido de ser possivel realizarmos o sonho atagado de publicar uma Revista sob a direcção dos Inspectores Escolares.

E mais vivas, mais intensas as recordações se sucedendo nos faziam vêr a figura admiravel de Esther de Mello, dinamica, asafamada em busca de colaboradores, desenvolvendo junto ao corpo docente das escolas do seu distrito, o 2º., grande soma de atividade afim de obter artigos para esse primeiro numero, pano de amostra que deveria ser de uma revista pedagogica nas condições da que haviamos idealizado.

Assuntos varios teriam de ser abordados e que dessem justa idéa, da orientação a seguir. Coube-me, após desta vaci-

lação, escrever sobre *Educação Civica*, o velho mestre Francisco Cabrita, tão nosso amigo, convidado a colaborar, arranjou uma *Nuga Gramatical* que lhe afetava a Mathematica, iniciando com ella a secção *Ideas e Fatos*; o Diniz Junior, numa homenagem á terra que lhe foi berço, Santa Catharina, diz-nos *Duas palavras sobre o seu ensino primario*, A. C. A. que pelo assunto tratado *Caixa Escolar* e pelas iniciaes mostram nitidamente o dedo do ultimo abencerragem, do nosso querido Cesario Alvim que hoje festeja a maioridade da sua extremecida pupila; o saudoso Mendes Viana, o mestre inegualavel, dá-nos uma lição de *Physica*! . . .

E suspiramos os quatro! Vinte e um anos dissemos, tão longe, tão longe a se perderem na noite dos tempos, esses bellos dias de primavera em que tinhamos os cerebros povoados de sonhos, em que nos sentiamos vibrantes de energia, prontos sempre a afrontar as lutas para a conquista de nobres e elevados ideaes! . . . Tão longe, tão longe! . . .

Chegava-nos o perfume das flores, suave, entontecedor, fazendo com que em nós mais intenso, mais forte se desenvolvesse o sentimento da saudade, desta melancolica saudade do recordamos dias de alegrias vividas, de lutas travadas, de desgostos corajosamente suportados! . . .

Após alguns instantes de recolhimento, o Sylvio ainda lembrou as outras secções 1º. numero, *A Escola, Lições e Exercícios, Ensino Scientifico* onde mestras illustres como Leonie Anglada, Maria do Carmo, e outras contribuíram com brilhante contingente de notaveis licões para o exito da *A Escola Primaria*.

E o seu primeiro numero sofredamente esperado surgiu! Foi um dia de festa, de grande alegria!

Era a victoria, era alguma coisa que aparecia, dando á classe a afirmação positiva da sua existencia.

Vinte e um anos, repetimos! E por alguns minutos guardamos respeitoso silencio numa homenagem á memoria dos que pelo caminho ficaram nesta longa jornada de inicio tão risonho!

Adquiridas as flores, um braçado das mais vicejantes, enviamos ao Cesario Alvim como prova inesquecivel de grande solidariedade na justa alegria de que se deve achar possuido ao festejar hoje a

maioridade da *A Escola Primaria*, afirmação positiva do que era capaz a antiga corporação dos Inspectores Escolares e que ele vem mantendo religiosamente como o fogo sagrado de uma tradição que não pôde nem deve desaparecer.

Arthur Magioli

## O MAIOR POETA

O estudioso vulgarizador dos trabalhos do poeta Antonio Gonçalves Dias acaba de publicar uma carta do seu amigo Lucio de Aguiar sobre o maior poeta brasileiro e um dos maiores da lingua portugueza.

A esta carta, elle faz acompanhar a opinião critica dos mais acreditados poetas e prosadores portuguezes e brasileiros desde Alexandre Herculano até ao jovem e ponderado Lucio de Aguiar.

O estudioso vulgarizador de quem trata é o sr. M. Nogueira da Silva, bem conhecido e bastante festejado nas rodas literarias do Rio de Janeiro.

De todo esse amontoado de pareceres o Sr. Nogueira da Silva acabou por concordar com Olavo Bilac -- *Gonçalves Dias — O maior poeta do Brasil.*

Principiando a escrever desde muito cedo e terminando aos 27 annos, «em dez annos escreveu 180 poesias, as sextilhas de Frei Antão e os quatro cantos dos Timbiras. Isso em verso. Em prosa deixou *Meditação, Memorias de Agapito Gioaba, os dramas Boadil, Patkul, Beatriz Cenci* e essas admiraveis paginas de *Leonor de Mendonça. Só? Não.* Escreveu grande parte de suas *memorias historicas* para o nosso *Instituto Brasileiro*, e realizou de 1848 a 1850, uma vasta obra jornalística, escrevendo diariamente para o *Correio da Tarde, Gazeta Official e Correio Mercantil.*»

Ninguém conhece tão bem a obra literaria de Gonçalves Dias, como Nogueira da Silva. Os leitores da *Escola Primaria* devem procurar nas livrarias *Briguiet — Garnier* o consciencioso trabalho.

As distinctas professoras devem ler, semanalmente, os trabalhos de G. Dias: saborear os conceitos e, repetidamente, guardar de memoria as phrases lapidares de que se acham cheias os bellos versos.

Pelo menos leiam *Y. Yuca-Pyrama.*

Peço aos alumnos que recitem, sempre, todos os dias, o poema *Canção do Exilio*, publicado aos 17 annos, em Coimbra, e que é para o Brasil, um verdadeiro Padre Nosso:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorgiejam,  
Não gorgiejam como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,  
Nossas varzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida  
Nossa vida mais amores.

Em scimar, sosinho, á noite,  
Mais prazer encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que taes não encontro eu cá;  
Em scimar — sosinho, á noite  
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
Não permitta Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfructe os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem que ainda aviste as palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

O maior poeta no conceito, na doçura e na simplicidade do dizer.

O *Jornal do Commercio*, em 10 de Agosto de 1923, disse o seguinte: «Na Escola que tem o nome de Gonçalves Dias, varios alumnos recitarão poesias e cantarão a *Canção do Exilio*, que é quasi um hymno nacional, pois o Imperador D. Pedro II recitou-a para ser gravada no primeiro disco phonographico feito no Brasil.

*Hemeterio dos Santos*

## Caderneta de Saude

O seculo que corre, disse alguém com grande autoridade—é o da creança. E esta affirmacão, pelo menos na parte interessando ás questões de saude, é verdadeira indiscutivelmente.

Por toda a parte, em todos os centros, nas grandes capitaes como nas pequenas cidades do interior, organizam-se postos de assistencia pre-natal,—crêches, dispensarios medicos para a primeira infancia, hospitaes, ambulatorios, exclusivamente para creanças, etc.

O Rio de Janeiro, para honra de seus *foruns*, não ficou atraz nesse movimento renovador:

Tambem nesta Capital abriram-se hospitaes, inauguraram-se ambulatorios, crearam-se preventorios, um grande numero de instituições, visando todos a saude da creança em que repousam as esperanças da Patria.

Esse surto de benemeritas iniciativas, teve a primeira vergontea entre nós, ha vinte e poucos annos com a creação pela Municipalidade do Serviço de Inspeção medico-escolar—, instituição tantas vezes malsinada, mas a que muito deve a creança no Districto Federal.

Todos aquelles que se interessam pelo problema da saude da creança em nosso meio, não ignoram que antes da entrada do medico na escola, a unica prophylaxia que nesta se fazia diante de um caso banal de sarampo ou de coqueluche, era seu fechamento summario!

Ora, uma medida drastica de tal natureza, trazendo como é facil de se comprehender, enormes prejuizos para a infancia em idade escolar, jamais foi verificada depois de creada a inspeção medico-escolar.

E' que uma vigilancia permanente surprehendia os casos iniciaes, graças a observação cuidadosa dos symptomas precoces, que autorizavam o afastamento do pequenino suspeito, sem o comprometimento dos collegas de classe.

A geração actual de medicos desconhece praticamente a variola: ousou affirmar que o desaparecimento dessa entidade morbida de nosso quadro nosologico, é um titulo de gloria da acção decidida e efficiente da inspeção medico-escolar!

As familias cultas comprehendem o alcance da vaccinação de Jenner: foi, porém, necessario um trabalho de verdadeiro apostolado e catechese, para que assim tambem o comprehendessem as donas de casa de nossas regiões suburbanas e ru-raes.

Outras campanhas não menos memoraveis, emprehendeu ainda a inspeção medico-escolar, na prophylaxia da *diphtheria*, do *trachoma*, da *tuberculose*, e, secundando activamente o Departamento de Saude Publica Federal, no combate á *febre amarela*, em seu ultimo surto em nossa Capital.

Outro aspecto das actividades da inspeção medico-escolar, consistiu no fichamento da creança em idade de frequentar a escola. Serviço de grande alcance social, não ha negar, teve entretanto pequeninas falhas: na ausencia de um órgão central, orientador dos trabalhos, os preciosos dados colligidos, variavam de medico para medico, de accordo com o criterio individual preconizado por cada um delles. Impossivel deduzir de fichas assim collectadas quaesquer conclusões de ordem pratica e scientifica.

A Superintendencia Geral de Educação de Saude e Hygiene Escolar, como actualmente se denomina a Inspeção medico-escolar, corrigiu a falha, imprimindo ao serviço de organização ficharia, um criterio unico, dentro de normas logicamente pre-estabelecidas.

Entretanto, si ninguem discute o valor da ficha, como base imprescindivel ás pesquisas estatisticas e sociaes que se prendem á pedagogia, não é menos certo que, com sua organização pura e simples, deixam-se de lado interesses outros, merecedores do maior respeito.

As creanças são fichadas; as fichas individuaes são remetidas a um órgão central que as coordena, cataloga e classifica, tirando illações de ordem geral. Mas que lucra com isso a creança? E que medida em seu favor poderá tomar um pae ou responsavel, pelo filho ou pupillo? E' sobretudo levando em conta estas ultimas considerações que a Superintendencia Geral de Educação de Saude e Hygiene Escolar resolveu instituir a «Caderneta de Saude». Nesta serão annotados todos os informes que interessam directamente á saude da creança; nella, o proprio pae

consignará os factos da vida progressa do pequeno escolar.

A «Caderneta de Saude» acompanhará o collegial por todas as escolas que frequente e constituirá uma fonte segura de informações ainda para sua vida adulta.

Com a instituição da «Caderneta de Saude» presta a Superintendencia Geral de Educação de Saude e Hygiene Escolar, mais um relevante serviço á creança no Districto Federal.

Bastos de Avila

## Língua Materna

Qual é a etimologia da palavra *nônio*?

Diz-se ordinariamente que o *nônio*, instrumento ou “medida de posição para avaliar grandezas lineares menores que as divisões duma régua ou dum arco a que se adapta” foi inventado pelo sábio português Pedro Nunes, médico e professor de Filosofia, lógica, moral e metafísica em a Universidade de Lisboa, depois de Matemática em Coimbra, para onde D. João III<sup>o</sup> retransferiu a Universidade, em 1544, segundo uns, em 1534, em 1536, ou em 1537 segundo outros.

O livro onde o físico e geômetra lusitano tratou do assunto appareceu em Lisboa no ano de 1542, em latim, sob o titulo de “...de Crepusculis...” (Petri Nonnii).

Pedro Nunes não se apresenta como inventor do instrumento e não lhe dá nome, assim como não teve na conta de sua a concepção relativa à medida dos ângulos, a si atribuída pelos contemporâneos e pelos que vieram depois. Diz Nunes que se inspirou no *Almagesto*, de Ptolomeu. Parece, porém, que nessa famosa obra da antiguidade não há descrição de aparelho que lembre o que vem no *De Crepusculis* e que depois foi simplificado, como veremos.

Não sei quem chamou ao instrumento *nônio*, nome esse corrente em França e está nos dicionários de Littré, de Darmsteter... No de Littré vê-se :

“Nonius ou antes Nonnius... Escala de certos instrumentos de matemática, formada de três partes pequenas que dão divisões pela secção transversal, no que difere do vernier, que os dá por comparação de dois sistemas de divisões, das quais uma tem partes menores que as outras de um décimo.

Et. Nonnius. nome latinizado de Nunes, matemático português do XVI<sup>o</sup> século.”

Foi Lalande quem, no seu “Tratado de Astronomia” propôs a mudança do nome de *nônio* para *vernier*. Passo para aqui palavras de Lalande, o bem afamado Inspector do “Colégio de França” :

“A divisão que é hoje mais empregada é dita, em muitos autores, divisão de *Nonnius*, ainda que Nonnius não seja inteiramente seu autor; imaginou elle outro instrumento muito em voga e que podia levar nos ao que hoje temos. Veja-se seu tratado *De Crepusculis*, impresso em 1542. O verdadeiro autor do aparelho, em seu estado actual, é Pedro Vernier, ... que publicou na obra impressa em Bruxelas, no ano de 1631, intitulada—“Construção, uso e propriedades de um novo quadrante...” Continua Lalande : “...creio pois que é justo restabelecer o verdadeiro autor em seus direitos e chamar á peça *Vernier* em lugar de *Nonnius*...” (V. 2<sup>o</sup>. Pág. n. 761. 2<sup>a</sup> ed. 1771).

Seria interessante saber se como Vernier (1580—1637) denominou o instrumento, mas não obtive o trabalho dêsse matemático, trabalho inexistente na Biblioteca Nacional, na da Faculdade de Medicina, da Politécnica e do Gabinete Português...

Também em Inglaterra foi o instrumento conhecido sob o nome de *nônio*. Um amigo, que soube que eu escrevia na nota a respeito do termo *nônio*, chamou minha atenção para uma conferência que Clements Markham fez, no dia 10 de junho de 1915, na “Royal Society de Geografia de Londres”, a respeito da ciência náutica dos portugueses. Ministrou-me o seguinte lanço, da referida conferência :

“O engenhoso processo de leitura de escalas que lhe é devido vem bem explicado no excelente compêndio do sr. Reeves. Foi esse o processo usado até à invenção da escala de Vernier, à qual freqüentemente se dava o nome de Nonius na marinha inglesa ainda no tempo em que nela primeiro entrou o autor desta conferência.”

Sempre se relacionou o nome de *nônio* a Nonnii, latinização de Nunes e essa etimologia apparece em quase todos os dicionários, ex. gr. o de Wtinay, de Littré, de Darmsteter, de Stappers...

Adolfo Coelho, entretanto, escreve :

“Nônio... Provavelmente de *nono* por

a escala menor do instrumento ser dividida em 10 partes, correspondentes a 9 partes da escala principal e não de Pedro Nunes, como se supôs”.

Não sei de onde A. Coelho tirou essa noção que se me afigura errada. O instrumento de Nunes, o *nônio*, é descrito sem que o autor fale na divisão em 10 partes.

Foi imaginado para facilitar a leitura no *Astrolábio* e de uma história da Matemática transcrevo : “Tracemos no plano do astrolábio 44 circunferências concêntricas com a que mede os graus e dividamos o quadrante de cada um respectivamente em 89,88,87... partes iguais...”

Foi o *nônio* simplificado por um jesuita alemão, Cristóvam Clávio, que de Roma foi mandado a Coimbra para estudar letras e matemática e foi discípulo de Pedro Nunes.

Este sábio médico foi o primeiro professor de matemática da Universidade de Coimbra, reformada e para essa cidade transferida, como já ficou dito, talvez em 1537. Lecionou até 1562, tempo em que foi jubilado Clávio chegou a Coimbra em 1556 e lá permaneceu até 1561.

Não sei a razão por que a “Companhia de Jesus”, que tinha em Roma muito bons professores, mandou estudar a Coimbra o joven Clávio, então de 17 anos. Possivelmente pela fama de Pedro Nunes, que começou a apparecer em 1537, com a tradução do tratado “De sphaera”, extraído do *Almagesto*, pelo monje inglês João de Sacrobosco, no século XIII<sup>o</sup>. Cinco anos depois do tratado “Da esfera” appareceu o *De Crepusculis*.

Não sei se Pedro Vernier conheceu as obras de seu colega e xará lusitano. Era Pedro Nunes mundialmente conhecido e em França, de modo especial, por sua obra “De erratis Orontii Finoei, Regii Mathematicarum Lutetia Professoris”, publicada em 1546.

Orôncio Fineu, matemático francês, contemporâneo de Nunes (1494—1555), foi cronologicamente o primeiro professor de Matemática em o “Colégio de França” e autor de trabalhos refutados pelo seu luso colega. Também Orôncio foi quem iniciou em França o ensino de Geografia, de cartografia...

Houve em Portugal, mais ou menos no tempo de Pedro Nunes, outros de igual nome, um desembargador; outro canonista, este nomeado inquisidor de Lisboa aos 7-10-1565.

O grande valor de Pedro Nunes era reconhecido até pelos seus contemporâneos e

compatricios, o que não é comum. Basta lembramos que obteve elle a cadeira de *Lógica*, em que substituiu João Flamengo, por disputado concurso, do qual um dos opositores foi seu companheiro de estudo em Salamanca e que mais tarde seria médico cientista de grande vulto—Garcia d’Orta.

O valoroso quinhentista, D. Frei Amador Arraiz, faz discípulo de Pedro Nunes um de seus personagens, que apparece como illustrado. Diz Aureliano, um dos collocutores de Arraiz :

“...sei algo da *Esfera*, porque quando Pedro Nunes a lia a certos homens principais, eu me achava presente...” (Diálogo 2<sup>o</sup> Cap. D).

Creio que não há brasileiro alfabeto, ou português letrado, que não conheça o médico, cosmógrafo e matemático salaciense Pedro Nunes.

O Sr. Antenor Nascentes, catedrático do Colégio de Pedro 2<sup>o</sup>, em seu “Dicionário etimológico”, in verbete *nônio*, transformou Pedro Nunes em João Nunes e imputou falsamente a Cândido de Figueiredo a extravagante crisma.

Terá havido, na história das ciências, algum João Nunes, de importância, capaz de ser confundido com Pedro Nunes ?

Até mesmo na história política não me recordo de nenhum João Nunes, digno de nota. Na história do Brasil, lembro-me de um de Minas, do 1<sup>o</sup> reinado, mas era nome desprovido de celebridade.

Em 1828 governava a provincia de Minas o deputado Mendes Ribeiro, adversário político do agigantado ouropretense Bernardo Pereira de Vasconcelos, o criador do colégio onde professa nosso gramático, sr. A. Veras Nascentes. (2—12—1837). De um belo livro recém publicado pelo sr. Octávio Tarquínio de Sousa, a respeito de Bernardo de Vasconcelos, retiro esta frase onde apparece um João Nunes, provavelmente João Ninguém :

“Mendes Ribeiro fazia carga a Bernardo de Vasconcelos de ter tentado subornar um tal João Nunes para fins eleitorais”.

Evidentemente a existência dêsse João Nunes não servirá para a defesa do pouco aplicado e por isso gôro etimólogo...

PEDRO A. PINTO.

## Educação Moral e Civica

Moral—

O bem e o mal—

A consciencia

Temos falado no *bem* e no *mal*; em coisas que são *boas* e coisas que são *más* sob o prisma da moral; na *felicidade*, bem como no *dever*, ou *obrigação moral* de fazer ou não fazer alguma coisa.

Ora, nosso primeiro cuidado ao encetar estes estudos e estas meditações a respeito dos assumptos de moral deve ser indagar si effectivamente taes coisas existem, si ha a distincção entre o bem e o mal, si ha o dever e em que consiste.

Quando começamos a estudar physica, já observámos innumeras vezes os phenomenos de que vamos ter a explicação; sabemos que elles existem, embora ainda não os possamos comprehender, e de muitos apenas tenhamos idéa confusa ou erronea.

Natural é, pois, que indaguemos tambem neste momento: Haverá realmente distincção entre o bem e o mal? Haverá para nós uma obrigação de fazer o bem e procurá-lo, de nos recusar a fazer o mal e fugir a elle? E mais ainda: Si ha bem e mal, si somos obrigados a seguir o bem e a evitar o mal, que existe entre nós, que nos illumine para distinguir uma coisa da outra, e que é que nos obriga a buscar uma em vez da opposta?

Essas perguntas têm de ser respondidas logo á entrada, pois as respostas a ellas envolvem os principios fundamentaes da moralidade.

Que principios serão estes, cuja demonstração vamos emprehender, ainda que para fazê-lo summariamente, principios que constituem a base, o esteio de nossa vida moral?

Primeiro, vos direi novamente, em forma de principio: *Existe o bem, opposto ao mal*. Em segundo logar vos direi que—*O bem é preferivel ao mal*. Em terceiro, que—*devesmos fazer o bem e evitar o mal*. Eis ahi, reduzido a tres singelas affirmações, as bases da moralidade.

Quanto á distincção entre o bem e o mal, um dos traços característicos do homem é exactamente esse instincto primitivo, esse impulso natural, essa tendencia espontanea, a que se dá o nome de sentimento do bem e do mal.

Sabemos e sentimos naturalmente, desde

que a intelligencia começa a despertar, que ha varias coisas que não devemos fazer, e outras que devemos fazer; umas, que são boas e correctas, e outras que são más, incorrectas e merecedoras de censura ou reprovação. E nunca nos admiramos de ouvir falar do bem e do mal, jamais essa distincção nos causa surpresa. Podemos discordar em minucias, achando uns que tal coisa em particular não seja má, pelo menos em certas circumstancias, emquanto outros a reputam censuravel. Mas achamos sempre natural que haja uma linha divisoria, que certas coisas sejam indubitavelmente boas e outras inquestionavelmente más. Aceitamos pacificamente essa divisão natural; a linha pode passar um pouco mais para cá ou para lá, mas existe.

E reconhecemos tambem que as coisas boas são sempre boas, embora não tenhamos capacidade, força, coragem de fazê-las; e que as más são sempre más, embora o nosso interesse material no momento seja fazê-las, e a nossa fraqueza não nos permita evitá-las.

Que mysteriosa tendencia é esta, que me leva a classificar intimamente de más até algumas daquellas coisas que mais desejo, que meu interesse presente, minha commodidade, meu prazer me levam a praticar, e a chamar boas até a muitas daquellas que não quero no momento fazer, que desejo a todo transe omittir e esquecer?

Que força é esta, que em mim decide contra mim?

Essa faculdade, pela qual somos capazes de discernir o bem do mal é a consciencia, ou a *consciencia moral*, como lhe chamamos mais geralmente, por motivo que depois será entendido.

Existe em todos os homens normaes essa especie de luz interior, que é a consciencia moral, e os que não possuem della nem um resquicio são considerados anormaes.

Não se limita a consciencia a dizer-nos: «tal coisa é boa, tal outra é má», mas accrescenta uma ordem, um imperativo: «tal coisa é boa, deves fazê-la, tal outra é má, nao a deves praticar». Não é, pois, apenas uma luz, mas alguma coisa que ordena, que manda, que impõe, que traça uma rota.

Quanto á existencia dessa faculdade de discernimento estão de accordo todos os moralistas. Cessa, porém, o accordo quando se passa a indagar da origem e da natureza de tal faculdade: ahi apparecem as divergencias.

Mas para que chegar a essa indagação, si ella nos vae lançar em discussões este-

reis, em luctas vãs, e si por outro lado nos basta, para proseguimento de nosso estudo, que reconheçamos que ella existe?

Existe, e existe não apenas como testemunha, que attesta um conhecimento, mas como juiz, guia e director de nosso procedimento. Existe e decide; decide até contra nossos proprios interesses, até quando ninguem nos pode recompensar nem castigar, quando ninguem sabe o que estamos fazendo, quando estamos isolados de todos, quando quaesquer vestigios do bem ou do mal podem ser apagados. Existe para apoiar-nos e consolar-nos; para censurar-nos e affligir-nos; para que mantenhamos nossa opinião a respeito do bem e do mal, e não nos deixemos influenciar nem pelos interesses materiaes, nem pelas ameaças, nem pelos proprios soffrimentos mais duros!

O. S. Reis

## GONÇALVES DIAS

*Palestra feita, no Centro de Professores da 7ª Circunscrição, pela professora Iracema de Matos Garcia.*

Sr. Presidente de Honra, Sra. Presidente, Sras. que integrais a Mesa, Srs. Directores, Meus Colegas:

Permiti-me o começar por suave evocação.

Volvo os olhos do espirito e vejo, lá longe, numa das curvas do caminho, a adolescente romanesca que cedo principiou a cultivar—para seu mal—a flor azul do Sonho. Remembro alguém cuja alma desabrochava para a delicia e para a tortura de existir, alguém que, cheio de anseios vagos, na inquietude psiquica da fase que vivia, em sua receptividade compreendeu e amou, com sua apparencia paradoxal, a estrofe sublime:

Amor é vida; é ter constantemente  
Alma, sentidos, coração—abertos  
Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,  
De altas virtudes, té capaz de crimes!  
Compreender o infinito, a imensidade,  
E a natureza e Deus, gostar dos campos,  
D'aves, flores, murmúrios solitários,  
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,  
E ter o coração em riso e festa;  
E á branda festa, ao riso da nossa alma  
Fontes de pranto intercalar sem custo;  
Conhecer o prazer e a desventura

No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto  
O ditoso, o misérrimo dos entes:  
Isso é amor e desse amor se morre!

Comovido, perturbado, sentiu que assim devia ser... Compreendeu que

Dois corações, porém, que juntos batem,  
Que juntos vivem,—se os separam, morrem  
Ou se entre o próprio estrago ainda vegetam,  
Se aparência de vida, em mal, conservam,  
Ansias cruas resumem do proscrito,  
Que busca achar no berço a sepultura!

Leu depois, em páginas em verdade de ouro da coletânea soberba, essa linda e comovida «Ainda uma vez, adeus» e se lhe impôs ao espirito a certeza de que o aedo excelso, ao compor os versos do monumento que é o «Se se morre de amor!», não fazia apenas literatura. Havia, como sentira, lágrimas, singultos, gemidos, convulsões de alma, estertores de agonia nos carmes tão profundamente humanos, tão liricamente belos que lhe haviam sido, para o coração ignaro, uma annunciação. Consentí, pois, Senhores, já que aqui sou para vos infligir minha prosa incolor, em que impregne as palavras minhas do perfume bom da Saüdade, deixai que vos fale do genial bardo romântico a cujo altíssimo estro espontâneo devo a minha primeira grande emoção poética—a mais funda, a maior, a melhor...

Cicio ou rugido, ardências de meio dia ou doçuras de crepúsculo, lago sereno ou mar encapelado, a poesia de Gonçalves Dias—lirica ou épica—é sempre Alma e Coração. Seus versos nos revelam o panorama psíquico do grande rapsodo, deixando-nos ouvir o rumorejar da fonte inexaurível de que promanaram. Pois que o tempo—dez a quinze minutos—é escasso, sejamos surdos ao trombetear de Calíope. Falemos, apenas, do formoso lirismo gonçalvino, de tão emocionante expressão.

Não imaginada, não simulada, antes bem vivida, bem sentida, bem real é a melancolia de sua lira «Não canto, soffro», geme o glorioso vate. E' a tristeza dos que, de alma exhausta, lázaros da felicidade, já não esperam as oblações da vida. Em mansos, dolentes, comovidos carmes diz o maior dos nossos liricos que sua musa

Nesta terra não tem uma espr'ança,  
Nesta terra não tem um amor  
Ela ama a solidão, ama o silêncio,  
Ama o prado florido, a selva umbrosa  
E da rôla o carpir;

Ela ama a viração da tarde amena,  
O sussurro das águas, os acentos  
De profundo sentir  
E' triste a minha musa, como é triste  
O sincero verter d'amargo pranto  
D'orfã singela;  
E' triste como o som que a brisa espalha,  
Que ciciza nas folhas do arvoredado  
Por noite bela

Adiante, em fluentes versos, o prantear  
— não pelos que repousam no seio da terra  
— mas pelo outro morto cujo coração sofre  
dentro do peito seu :

Então corre meu pranto muito e muito  
Sobre as húmidas cordas da minha harpa,  
Que não ressoam,  
Não choro os mortos, não; choro os meus dias  
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,  
Que em vão se escoam

Além, o anelo amaro dos que, feridos,  
torturados, situam no aniquilamento, no nada  
a suprema ventura :

Neste pobre cemitério  
Quem já me dera um lugar !  
Esta vida mal vivida  
Quem já m'a dera acabar !

E' que foi bem um grande desgraçado.  
Aproveu á vida o atenuar-lhe o imenso cora-  
ção de afetivo, o coração que elle fizera «hós-  
tia sagrada, apuro de elevados sentimentos».  
Pungiu-lhe, impiedosa, a delicada sensibili-  
dade, aquela sensibilidade mórbida que, sem  
esperança de redenção, foi um dos seus tor-  
mentos De outro trovador nosso não sei  
que os fados com tanta pertinácia malferis-  
sem, lacerassem, despedaçassem... De ber-  
ço humilimo, nem as doçuras da infância li-  
bou. Longe do pai viveu os primeiros anos,  
criança ainda separaram-no da pobre mesti-  
ça que lhe dera o ser. Para haurir novos  
conhecimentos, deixou o seu Maranhão bem  
amado, partindo com o progenitor, presa de  
grave enfermidade, para a gloriosa patria  
de Camões. Lá, na longínqua gleba pater-  
na, experimentou, aos quatorze anos, «essa  
dôr que não tem nome» :  
Escutei suas últimas palavras  
Repellido de dôr ! Junto ao seu leito,  
De joelhos, em lágrimas banhado  
Recebi os seus últimos suspiros  
E a luz funérea e triste que lançaram  
Seus olhos turvos, ao partir da vida,  
De pálido clarão cobriu meu rosto,

No meu amargo pranto refletindo  
O cansado porvir que me aguardava !

Baldo de recursos, sentindo as agruras  
do isolamento, voltou á Atenas Brasileira e  
á liberalidade da madrasta (existia ainda a  
mãe do poeta) deveu o prosseguimento dos  
estudos em Portugal, onde ingressou na Uni-  
versidade de Coimbra. O novo exílio inspi-  
rou-lhe alguns dos carmes mais belos, mais  
emocionantes, de mais dorido acento que  
conheço :

Parti, dizendo adeus á minha infância,  
Aos sitios que amei, aos rostos caros  
Que já no berço conheci, áqueles  
De quem, mau grado a ausência, o tempo, a morte  
E a incerteza cruel do meu destino,  
Não me posso lembrar sem ter saudades,  
Sem que aos meus olhos as lágrimas despontem.

Aliás, a saúde da pátria morena mui-  
tos sons merencórios lhe arrancou da harpa.  
Todos conhecemos umas quadras sem pom-  
pas de linguagem, mas tão doces, tão blandi-  
ciasas, tão encantadoras na sua singeleza  
que nos estão a cantar deliciosamente nos  
ouvidos. E'—vós o sabeis— a linda e nos-  
tálgica «Canção do Exílio», palpitante do fla-  
belar das nossas palmeiras reais. Depois, a  
Balaiada, causando prejuizos pecuniários á  
gente maranhense, inibiu-lhe a madrasta  
de continuar a custear-lhe os estudos. Sem  
recursos, regressaria o jovem universitário á  
terra natal se patricios amigos, num formoso  
gesto de bondade, não lhe houvessem propor-  
cionado, vencidos os escrúpulos do insigne  
artista, os meios para concluir o curso. Essa  
dependência deixou-lhe nalma delicada fun-  
dos traços de amargura. Ouçamo-lo : «Tris-  
te foi a minha vida em Coimbra que é triste  
viver fora da pátria, subir degraus alheios  
e, por esmola, sentar-se á mesa estranha.  
Essa mesa era de bons e fiéis amigos. Em-  
bora ! O pão era alheio, era o pão da pieda-  
de, era a sorte do mendigo». Desabrocha em  
beleza a dor que lhe corrói a alma. E' uma  
melancólica floração maravilhosa. Sofrimen-  
to é bem uma vasca de agonia.

Meu Deus, Senhor meu Deus, que há no mundo  
Que não seja sofrer ?  
O homem nasce e vive um só instante  
E sofre até morrer

Meu peito de gemer já está cansado.  
Meus olhos de chorar.  
E eu soffro ainda e já não posso alívio  
Sequer no pranto achar.

Já farto de viver em meia vida,  
Quebrado pela dor,  
Meus anos hei passado uns após outros,  
Sem paz e sem amor

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
Que nunca pude achar,  
Que embalde procurei—na flor—na planta  
No prado—e terra e mar !

E agora o que sou eu ? Pálido espectro  
Que da campa fugiu,  
Flor ceifada em botão, imagem triste  
De um ente que existiu.

Ouvi, agora, alguns versos—de pulcra  
forma—extraídos do âmago do alanceado co-  
ração :

Estou só neste mudo santuário  
Eu só—com minha dor, com minhas penas  
E o pranto nos meus olhos represado  
Que nunca viu correr humana vista

Livremente o derramo aos pés de Cristo,  
Que também suspirou, gemeu sózinho,  
Que também padeceu sem ter conforto  
Como eu padeço e soffro e gemo e choro.

Místico, só a religião proporciona refri-  
gério aos sofrimentos seus e é no seu deis-  
mo que se refugia quando sente mais dolo-  
rosa a dor de existir. Di-lo o bardo em car-  
mes unguidos de emoção :

Quando a dor meu peito acanha,  
Quando me rala a aflicção,  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação,

Tu, Senhor, do peso insano  
Livas meu peito arquejante,  
Secas-me o pranto que os olhos  
Vertendo estão abundante

Tu pacificas minha alma  
Quando se rasga com pena,  
Como a noite que se esconde  
Na luz da manhã serena.

Como é grande a merencória beleza dos  
versos em que se confessa vencido — esma-  
gadas as esperanças, destruidos os sonhos no  
caminho—o que sentira «a força em si, pa-  
tente o mundo» !

...mas cansou, que era sózinho  
Sentou-se mudo e fraco e pensativo  
A' borda do caminho e sobre o peito  
A cabeça inclinou, cruzando os braços.

O sentimento de vanidade ressumbra  
agro em muitas das suas melhores produções.  
Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.  
A'vido de conhecer o bem e o mal da  
vida—geena e céu—exora :

Dá, meu Deus, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão,  
Torna-me virgem a minha alma  
E virgem o meu coração.

Evolou-se aos céus a súplica do grande  
sonhador. Em Sua Onipotência revirginou-  
lhe o Senhor o coração, saturou-o do amor  
tão ardentemente implorado, tão do imo dal-  
ma desejado... saturou-o... para que sen-  
tisse toda a alta beleza amara da renúncia,  
todo o fel, toda a peçonha do ciúme, toda a  
imensa tristeza de ver estéril o sacrifício tão  
penosamente feito... para que sentisse a  
mágoa sem consólo de haver deixado passar  
a felicidade... de haver desgraçado, sem re-  
denção, a mulher a cuja ventura se imolára.

Dói-te de mim, que te imploro  
Perdão, a teus pés curvado;  
Perdão ! de não ter ousado  
Viver contente e feliz !  
Perdão da minha miséria,  
Da dor que me rala o peito,  
E se do mal que te hei feito  
Também do mal que me fiz !

Meditai na ironia dolorosa da vida. Foi  
porque muito soffreu, porque a existência lhe  
foi uma pesada cadeia de infortúnios, porque  
também cantou seu mal, porque — qual Goe-  
the—fez das suas dores um poema, porque a  
inspiração lhe vinha quente de lágrimas dos  
refolhos dalma que a Glória lhe sorriu o seu  
mais luminoso sorriso. Mas de que val, Se-  
nheres, uma coroa de louros quando se chora,  
soluça, geme, grita, clama pela felicidade sub-  
jetiva, pela felicidade íntima que esta — só  
esta !—contenta o faminto coração ? Tudo em  
sua vida foi apêlo sem correspondência. To-  
dos os sonhos que sonhou esfolharam-nos as  
rajadas da desdita. Todos... Até o sonho  
triste que o rapsodo queria sonhar no regaço  
moço e generoso da terra — desta terra de  
palmares que elle tão canoramente cantou.  
Guardou-o nos undosos arcanos glaucos a  
vindita do mar, do mar cujo rugido «sanhu-  
do e forte» trêmulo e pálido ouvia. Prendeu-  
o o oceano com seus líquidos tentáculos de  
esmeralda para, vingativo, lhe perturbar o  
sono com a voz medonha que o poeta não  
queria ouvir do seio angusto da Eternidade.,

## A Criança Problema

Do livro de John Edward Bentley «Problem Children»

«Muitos dos mais graves insucessos e dificuldades de nossa vida adulta não são mais que as consequências de golpes sofridos em nossa infância.»

O Código da Criança, esse importante documento que resume «The White House Conference on Child Health and Protection» declara em um de seus artigos: «Toda e qualquer medida que possa desde cedo, revelar, descobrir ou diagnosticar na criança defeitos físicos e deficiências mentais de modo a tornar possível a sua cura ou, pelo menos, a melhoria desse estado deficitário, é um dever social inadiável.»

Os governos de há muito compreenderam a necessidade de dar educação, adequada, em estabelecimentos especiais, aos cegos e aos surdos-mudos. Ultimamente, alguns já se voltam para os casos graves de anormalidade. Mas as outras? As crianças portadoras de pequenas deficiências físicas e mentais, que sentem dificuldades, por isso mesmo, de se ajustar ao grupo em que têm de viver?

Para esses é que deve, quanto antes, voltar-se a atenção dos administradores avisados.

Muitas dessas crianças, si tiverem educação apropriada, poderão ingressar no grupo feliz das crianças normais que se tornarão mais tarde em cidadãos úteis á sociedade. Como reconhecer, então, essa criança, atípica, portadora de pequenas desvantagens físicas mentais, deficiente, portanto, desajustada em seu grupo: — a criança problema?

Uma criança de crescimento exagerado, fóra do comum, é um desajustado porque se exige dela, em face de seu tamanho, esforço superior a sua capacidade.

Uma criança cuja altura está abaixo do normal á sua idade é um desajustado. Sua pequenez, quer devida ao má funcionamento de seu sistema endócrino, ou a enfermidades de sua primeira infância, dá-lhe um sentimo íntimo de inferioridade que o torna um eterno provocador de «casos».

Uma criança que adquiriu ou herdou um defeito físico específico que a impossibilita de determinada aprendizagem, é um desajustado.

Uma criança mentalmente precoce

também pôde ser um desajustado. Sua superioridade intelectual, quasi sempre, lhe dá atitudes mentais e sociais que o põem desadequado ás condições normais de vida e de aprendizagem.

Uma criança mentalmente retardada é um desajustado. Sua incapacidade de aprender as cousas fundamentais a toda aprendizagem humana, devida á fraqueza de sua intelligencia, a falhas de seus órgãos sensoriais ou a desvios de atitude mental, o põem em situação á margem da vida normal.

Uma criança é, emfim, um desajustado quando não se pode reunir aos demais, quando não é capaz de proceder dentro das normas comuns do que se chama «comportamento».

Esses são, em resumo, os casos aos quais se ajusta a expressão *criança problema*

*O desajustado por defeito físico.*

As crianças atípicas por defeito físico são em numero muito maior do que o que, geralmente, se presume. Uma estimativa feita (nos Estados Unidos) entre alunos retardados nas escolas apresentou os seguintes dados: portadores de pequenos defeitos visuais 30,1%; má dentição 40,1%; amidalites ou adenoídes 20,1%; surdês parcial 5,0%; doenças de nariz ou garganta 50,1%; má posição (atitude física) 30,1%.

E, uma vêz que muitas deficiências físicas se encontram em crianças retardadas, é justo que se conclua haver grande correlação entre defeito físico e atraso mental; e, portanto, amidalites, adenoídes, máos dentes, miopia, surdês apresentam fundamento legitimo para o retardamento escolar e tornam muito penoso o labor das crianças desse tipo.

Alem desses há ainda um grande numero de portadores de defeitos ortopedicos, de perturbações metabólicas e glandulares.

O numero de crianças desnutridas ou mal alimentadas também é imenso. Em resumo poder-se-á dizer que em cada 6 crianças, 4 são portadores de defeitos que, mais ou menos, perturbam o desenvolvimento de sua personalidade.

Todas essas perturbações devem ser remediadas para que o velho adagio «mens sana in corpore sano» possa ser uma realidade.

*O desajustado por deficiencia mental.*

Toda criança acima ou abaixo da capacidade normal, isto é, precoce ou retar-

dada, é um desajustado mental. Ambos os grupos merecem cuidados e atenções especiais. Ambos os grupos devem ser retirados das fileiras das crianças normais que frequentam as nossas escolas comuns.

A criança precoce, que amadurece com rapidês, não é um desajustado no sentido mais comum em que esse termo é usado, isto é, não é rude, não sente dificuldade de aprender. Pelo contrario, tem capacidade mental em abundancia. E, propriamente, isto não constitue uma ameaça a sua vida futura, a menos que não revele peculiaridades e extravagancias ou incapacidade de ajustar-se ao grupo; porque, então, sim: é caso de preocupação e, até, de alarme.

Já o retardado necessita que se lhe dê cuidados e atenções especiais. Tais crianças constituem o maior e o mais difícil problema com que se defrontam os professores em sua nobre tarefa.

O termo «retardado» tem sido usado em varias accepções no meio educacional, rotulando crianças que apresentam varias modalidades de retardamento provenientes também de causas diversas.

Alguns há que, possuindo embora intelligencia normal, falham, entretanto, na maioria de seu programa escolar. São quasi sempre infelizes vitimas de máos principios de aprendizagem e seu atraso é um simples problema de ensino. O remedio está na modificação dos processos usados pelo mestre.

Outros apresentam defeitos tão sutis de personalidade que sómente uma análise bem acurada revela as deficiências e conflitos que devem ser removidos para poder haver resultados no trabalho escolar. São esses, na maioria, fracos, portadores de doenças crônicas ou de ligeiros defeitos de visão e audição que não lhes permitem aprender os fundamentos em que se baseia a educação humana: lêr e escrever.

Há também os retardados por fraca capacidade intelectual. Crianças desse tipo devem ter instrução especial, em classes especiais, adredes preparadas. Os que são de fato, de intelligencia frisando a debilidadade mental nunca poderão ter o preparo dado numa classe de tipo comum: mas sempre poderão aprender alguma cousa. Os outros, uma vêz completado o seu desenvolvimento, deverão ingressar no grupo adequado de crianças de sua idade.

São também retardados de outro tipo as vitimas de circunstancias sociais tais como incompreensão dos pais, da natureza da criança, desavenças na familia, educação impropria ou descuidada, etc.. Essa situação familiar traz sempre consequências para a vida do escolar que sente dificuldades em se ajustar ao meio e á vida da escola.

*O desajustado social.*

O terceiro grupo de crianças problemas são os malfasejos, os mandriões e os pequenos delinquentes. O seu desajustamento pode ser proveniente de indisposições físicas ou mentais. A's vezes são emoções impropriamente manifestadas. Essas emoções muito fortes representam, apenas, resposta organica excessiva a certas especies de estímulo. Predispõem, porém, a criança ao descontrolo e á instabilidade. A criança instavel é exageradamente sensível á critica e quasi sempre destituida de persistencia no esforço, provocadora de disturbios, indisciplinada.

Tres são os principais tipos de desajustados sociais:

O primeiro é o que, por hereditariedade ou doença, é vitima de órgãos físicos imperfeitos. Tem, frequentemente, grande pessimismo, sómente se interessa por si proprio, e é um perfeito egoista.

O segundo tipo é o da criança mimada, que vive como parasita, dependendo de todos ou que se sente na necessidade de ser constantemente apreciada. Quando se encontram fora de seu ambiente deixa-se levar ao desequilibrio, á neurastenia, ás veses, ao suicidio.

O terceiro é o de crianças odiadas, desprezadas. Quasi sempre são de aspecto físico desagradavel, ás veses deformadas ou aleijadas e muito relaxadas, o que as torna ainda menos atraentes. Crescem, portanto, sem amor e sem carinho em casa, na escola, ou onde quer que se encontrem. Tais crianças estão fadadas ao desanimado, ao pessimismo, muitas vezes, ao crime.

Que remedio dar, então, a essas crianças infelizes e perigosas á sociedade?

A escola, auxiliada pelas instituições de hygiene social deve interessar-se em descobrir, desde cedo, as causas ocultas da inferioridade dessas crianças para dar-lhes educação conveniente, modificar-lhes os padrões de comportamento e transformá-los em cidadãos úteis a si propios e á sociedade.

## Guia para a observação e tratamento das crianças difíceis

Má conduta	Causas possíveis	Causas condicionais	O que se deve fazer (tratamento que melhora)	O que não se deve fazer (tratamento que agrava)	
1—Gosto de fazer barulho	Imitação ou sugestão	Lugar barulhento Vozes nervosas Atmosfera nervosa	Quiétude Vóz calma Equilíbrio pessoal	Bater no timpano Voz alta e irritada Censura coletiva Ameaça de castigo ou promessa de recompensa	
	Fadiga muscular	Bancos improprios Exercício insuficiente	Bancos apropriados Exercício	Chamar atenção para o barulho	
	Fadiga nervosa	Descanso insuficiente Aliment. impropria Trabalho fatigante	Recreio ou repouso Dieta (alimentação adequada) Variar o programa	Sempre o mesmo trabalho	
	Ventilação má	Ventilação má	Ar fresco e renovado		
	Estupidez	Reparam na estupidez	Fazer auxiliar os outros	Reprimenda em publico	
	Quer sempre ser o «centro» de atenção	Só lhe desenvolvem a vaidade.	Considerar os outros	Favores pessoais Agravos pessoais	
	Pressa ou aflição	Habitos de medo	Equilíbrio ao trata-lo Encoraja-lo	Chama-lo de barulhento	
	Imitação	Desordem nas mesas e na sala de aula	Limpesa e ordem	Distrações	
	2—Perda de tempo ou habito de «vaguear» pela escola	Ausencia de motivação no trabalho	Não sente o programa Não sente prazer em trabalhar Trabalho facil	Explicar como fazer Si é bom o trabalho, elogia-lo em particular	Faze-lo fazer sem explicar Si é máo—critical-o em publico Exercício dado como castigo
		Não tem sentimento de responsabilidade	Habitado a que outros «tomem conta» dele	Responsabilidade propria	Responsabilidade do professor
Não sabe avaliar		Habitado a que outros julguem por ele	Comparar e julgar ele proprio	Julgamento do professor	
Não tem direção propria		Habitado a que outros planejem por ele	Planejar e dirigir-se	Plano ou direção do professor	
Não tem vontade		Habitado a que outros decidam por ele	Decisão propria	Decisão do professor	
Conflito de interesses		Trabalho escolar fastidioso Pais que não auxiliam, mas criticam Mãos habitos	Escolher o seu proprio trabalho Interessar os pais Interessar os pais na correção dos máos habitos	«Puxar por ele» Despreso pela opinião dos pais	
Desejo de chamar a atenção sobre si		Educado com mimo	Cuidar dos outros colegas	Distingui-lo	

## Guia para a observação e tratamento das crianças difíceis

Má conduta	Causas possíveis	Causas condicionais	O que se deve fazer (tratamento que melhora)	O que não se deve fazer (tratamento que agrava)	
2—Perda de tempo ou habito de «vaguear» pela escola	Fadiga nervosa	Má nutrição Irregularidade de horario (refeições e dormida) Instabilidade nervosa	Nutrição adequada Regularidade Repouso frequentes	Ralhos Queixas	
	3—Pedido frequente de auxilio, ao fazer o trabalho escolar	Dependencia	Outros decidem por ele	Decisão propria	Decisão do professor
Irresponsabilidade		Outros cuidam dele	Responsabilidade propria	Responsabilidade do professor	
Falta de confiança em si		Notas más	Trabalho satisfatorio	Mais notas más	
Não tem respeito proprio		Repreensão publica	Elogio em particular	Mais repreensão em publico	
Auto-intoxicação		Nutrição má	Nutrição edequada	Doces e guloseimas	
Preguiça		Exercício insuficiente Reposo insuficiente	Exercício Reposo	Priva-lo de recreio Chama-lo de preguiçoso	
Ausencia de vontade		Outros decidem por ele Fraquês de vontade	Decisão propria	Decisão do professor	
4—Progresso lento		Habitou-se a falhar	Notas más	Trabalho julgado satisfatorio	Mais notas más
		Falta de confiança em si	Critica severa	Elogio ou critica em particular	Chama-lo atrasado
		Preparação deficiente	Colocado acima de sua capacidade	Classificação apropriada	Exercícios numerosos
	Inicio fraco	Auxilio do professor	Direção propria	Direção do professor	
	Falta de vontade	Outros são responsabilizados pelo que faz Vontade fraca	Responsabilidade propria Decisão propria	Obriga-lo a fazer Decisão do professor	
	Falta de ambição	Não sente satisfação em fazer o trabalho	Elogiar o que ha de bom no trabalho	Desencoraja-lo pela critica severa	
	Morbidês	Habitado a concentrar-se	Considerar os outros Bom humor	Aconselhar	
	Desatenção	Trabalho desinteressante	Mudar de trabalho Exame para averiguar a causa	Chama-lo desatento	
	Saude má	Alimentação impropria Exercício insuficiente	Dieta	Guloseimas	
			Exercício	Priva-lo de recreio	

## Guia para a observação e tratamento das crianças difíceis

Má conduta	Causas possíveis	Causas condicionaees	O que se deve fazer (tratamento que melhora)	O que não se deve fazer (tratamento que agrava)
4—Progresso lento	Saude má	Repouso insuficiente	Repouso	Ter muitas distrações á noite
		Irregularidade de horario nas refeições e dormida	Regularidade	
5—Enganar ou fraudar	Esquece-se do que tem a fazer	Trabalho desinteressante	Apresentação variada	Chama-lo de esquecido
		Medo das consequencias	Ridicularisa-lo Critica severa Castigos condenaveis Nota má	Trabalho satisfatorio Elogio em particular Castigos naturais Assinalaros progressos
	Falta de confiança	Trabalho não suficientemente claro	Questões que auxiliem o trabalho	Sarcasmos e criticas
	Lei do menoresforço	Aceitar trabalho deshonesto	Trabalho individual	Aceitar trabalho deshonesto
	Habito de «cola»	Foi ensinado a copiar	Planejar e construir	Aceitar trabalho copiado
	Habito de aprender por perguntas	Pensar que saber é «adivinhar» ou «ter sorte»	Fazer trabalhar	Aceitar resposta dada por palpite, ainda que certas
	Falta de amor proprio	Habito de fazer trabalho máo	Elogio ou critica em particular	Censura publica
6—Teimosia	Gosto de fazer exercicios difíceis	Tarefas frácas demais	Dificil, porém, interessante	Trabalho dificil demais, dando lugar á fraude
		Inveja	Discriminação injusta Lar não interessado Ter irmão, irmã ou colega privilegiado	Interesse pessoal
	Sensibilidade	Critica publica Apanhar em falta	Simpatia Elogio ou critica em particular	Censura publica
	Resentimento	Interferencia do mestre	Não interferir	Conselhos e direções
	Infelicidade	Lar desunido Outras desarmonias Ausencia de amizade	Interesse Bondede	Sarcasmo Severidade
	Obstinação	Força de vontade forte Força de vontade	Direção propria	Mando excessivo do professor
	Egoismo	Habito de concentrar-se em si	Considerar os outros	Peita-lo

## Guia para a observação e tratamento das crianças difíceis

Má conduta	Causas possíveis	Causas condicionais	O que se deve fazer (tratamento que melhora)	O que não se deve fazer (tratamento que agrava)
6—Teimosia	Suspeição	Critica injusta	Atitude impessoal	Julgamento explosivo
	Concentração	Força de vontade forte	Evitar interrupções subitas Cortezia	Ralhos continuos
7—Irrascibilidade	Habito de ser criticado	Critica-lo	Elógiar o que ha de bom	Censurar
	Juiga-se desdenhado	Suspeição injusta	Justiça	Julgamento explosivo
	Morbidês	Habito de concentrar-se em si proprio	Considerar os outros Discussão franca Aprender a ter «humor»	
	Nervoso	Alimentação impropria Horario irregular Nervoso hereditario Sono insuficiente	Dieta Regularidade Sono	Castigo
8—Tolice ou estupidês	Conflitos de interesses	Trabalho escolar fastidioso	Escolher o seu proprio trabalho	«Puxar por ele» Desprezar a opinião dos pais
		Pais que não auxiliam, mas criticam Mãos habitos	Interessar os pais Interessar es pais na correção dos máos habitos	
9—Impertinencia	Creanceice	Imaturidade	Classifica-lo no nivel, mesmo mais baixo	Conserva-lo em nivel superior a sua capacidade
		Vaidade	Ser o centro das atenções	Resentimento Raiva
	Ignorancia de conduta apropriada	Ensinado a ser grosseiro	Considerar os outros Mudar sempre os encarregados dos papeis importantes	
		Desejo de ser o «heroe»	Foi sempre admirado	Silencio surpreso Extrema polidês Ignorancia cortês
	Fingimento	Envergonhar-se de suas condições	Reconhecer corajosamente determinadas condições	
	Desejo de atenção	Não gosa de atenções no lar Egoismo	Interesse Consideração pelos outros	Enjoo
Inveja	Não gosa de atenções no lar	Amizade		Elogio aos outros
	Egoismo	Consideração pelos outros		
Não tem dominio de si	Teve máos exemplos	Calma e consideração		Tratar com arrebatamento
Gosto de atormentar		Não ser atormentado		Tratai com arrebatamento

Do livro «BETTER SCHOOLS» de Washburne

Adaptação de Consuelo Pinheiro

## Tres Palavrinhas

**MANTOVA.**—Nome de uma cidade italiana, em nossa lingua *Mantua*. A forma portugueza, com accentuação tónica em *man* está a mostrar, a quem não o saiba, que a forma italiana tem também accento tónico sobre a primeira syllaba: *Mántova*.

Parece impossível haja quem ignore coisa tão trivial. Pois, senhores, eu ouvi, muitos ouviram e commigo conversaram a respeito, o locutor official do serviço de radio-difusão cultural do paiz (não sei bem si tal é o nome do serviço), que ao enumerar as personagens do *Rigoletto*, então irradiado para gaudío de nossos ouvidos, nos apresentava, e varias vezes impingiu a apresentação, o *Duque de Mantóva* !!

E' inacreditavel, mas verdadeiro. Que bello exemplo de cultura nos dá o serviço official.

Teria sido algum funcionario de responsabilidade? Não creio. Foi provavelmente algum modesto servente, quasi analfabeto, quem leu o que deixou escripto o verdadeiro locutor, isto é, o que devia, pelo seu officio, estar junto ao microphone.

Acredito, pois, que se tratasse de desidia e não de ignorancia, mas de qualquer maneira o facto é lamentavel e exige providencia para que não se reproduza.

Demais, não foi só esse o erro. No mesmo dia, ou pouco antes, ouvi também *elégia e data venta*, coisas que ninguem pode conceber fossem ditas por homem de cultura média, ou até pouco abaixo de mediocre.

Creio que foi ainda o curioso locutor o mesmo que disse ha tempos que o Sr. Presidente da Republica havia visitado o *hângar* da aviação naval, e os funeraes do Sr. Ivan Pessoa (*ivan* !) foram muito concorridos.

**ESLAVO, ou SLAVO.** — Nome que se attribue ao individuo da familia *eslava*, ou *slava*. E' esta uma das grandes familias linguísticas indo-europeas.

*Slavos* são os povos que se denominam particularmente *Grandes e Pequenos Russos, Ruthenos, Polonezes, Tchecos, Moravios, Slovacos, Lithuanios, Lettos* ou *Lettões, Servios, Croatas, Slovenos*, etc.

Muito diversos são dos povos da familia *germanica*, a qual comprehende os *Allemaes, Ingleses, Escossezes, Escandinavos, Hollandezes, Flamengos*, etc.

Pois frequentes vezes tenho percebido

que confundem, naturalmente as pessoas de escassa cultura, todos esses povos.

E um jornal (não se tem a imprensa como elemento de instrucção e educação do povo?), referindo-se ha pouco ao suicidio de uma jovem allemã, fazia um pouco de romance e poesia a respeito da «morte da *bella slava* de Itapirú»!

Tenho para mim que no entender do escripta *slavo* significa *louro*...

**TARANTO.**—A' cidade do *compartimento das Puglie*, ou em portuguez da *Apúlia*, dão os italianos o nome de *Táranto* e não *Taránto*; portanto também devemos dizer *Táranto*. Pouco importa que em latim classico fosse *Taréntum* ou *Taréntus*. Isso poderia levar-nos a dizer *Tarénto*, mas nunca *Taránto*.

MESTRE—ESCOLA.

## Brasil Escravocrata

Pela professora e coordenadora  
Aurea Xavier

*Plano de trabalho realizado na Escola 7-5 «João Barbalho», dirigida pela Sra. Judite Muniz da Costa Moura.*

(Ajustamento dos programas mínimos da notavel monografia sobre «O elemento africano», de Rocha Pombo).

### Considerações preliminares

A idéia da elaboração deste plano de trabalho foi inspirada, principalmente, num dos mais altos objetivos dos Estudos Sociais, discriminados nos programas mínimos — aquele que encarece a necessidade de apreensão das situações, organizações e tradições da vida nacional, de modo a fortalecer o amor á Patria e a compreensão dos problemas da ordem social; aquele que encarece a necessidade do desenvolvimento dos hábitos, atitudes e sentimentos favoráveis a um perfeito ajustamento social, como os de cooperação, acatamento, gratidão, fraternidade; a necessidade, emfim, de formação do carater, de modo a desenvolver, num espirito brasileiro, a consciência da solidariedade humana.

Assim é que, numa época como esta, em que impera em toda a América a pe-

dagogia do pacifismo, e de todos os modos se tentam apagar no espirito da criança as idéias e sentimentos que inferiorizam a nossa espécie humana — é oportuno um ensejo para que voltemos nossas vistas para uma gente e uma raça que tanto influiu na nossa formação étnica e na essência intima da nossa vida nacional.

Vamos reviver, com o espirito de fraternidade, os sacrificios e dedicações do africano em nossa terra, como que num preito de justiça e merecida gratidão.

Não nos esqueçamos de que, na América do Norte, foram tumultuosas e sangrentas as lutas pela emancipação dos escravos. A guerra de Secessão mostrou o ponto culminante a que chegou ali a causa da libertação do elemento africano.

A prevenção e a disputa entre negros e brancos, os desastrosos preconceitos de raça que ainda hoje imperam na grande nação vizinha, têm acarretado aos povos americanos sérios embaraços na solução do problema que tanto empolga, nos tempos modernos, os espiritos iluminados e idealistas do nosso continente — o problema da paz, da aproximação afetiva, amistosa, entre os povos da América, o que se estende, também, a todas as pátrias e a todos os continentes do globo.

### Objetivos fundamentais do plano

A) — Interessar as crianças pelos grandes problemas nacionais, e pelas cousas brasileiras, em geral.

b) — Acentuar-lhes o espirito de civismo e o sentimento de solidariedade humana.

c) — Combater-lhes os velhos preconceitos de raça, e orientá-las no sentido da verdadeira fraternidade universal.

### Hábitos e atitudes a serem obtidos dos alunos:

A) — *Observação, comparação e apreciação* — Hábitos de observação, comparação e apreciação, em relação aos fatos e ás cousas humanas; hábitos de auto-observação e auto-apreciação.

b) — **BONDADE**: — Auxilio aos mais fracos, sem orgulho, sem ares protectores e com nitido sentido de cooperação; desejo de melhorar a situação dos que estão em más condições; prestimosidade; filantropia.

c) — *Apreciação de valor* — Capacidade de apreciação, compativel com a idade, para distinção do bem e do mal, do justo e do injusto; admiração pelos atos nobres e pelos grandes homens.

### «SUBSTRATUM» DO PROJETO:

A) — Considerações gerais sobre a índole do negro.

b) — Costumes característicos, festas, lendas, tradições, etc.

c) — O tráfico.

d) — Distribuição do elemento africano.

e) — Influência do africano — na lingua, nos costumes, nas artes, etc.

f) — Protestos da raça contra a escravidão.

g) — A campanha abolicionista no Brasil e seu desfecho glorioso a 13 de Maio de 1888.

*Ampliação e coordenação dos temas capitais que fundamentam a contextura do plano, visando certa harmonia de vistas e unidade de ação, durante a marcha dos trabalhos nas classes*

—  
Linguagem, Matemática e Desenho e Artes Aplicadas.

### A ÍNDOLE DO NEGRO

Orientação geral —

Fazer calar, profundamente, no espirito das crianças, certos aspectos relevantes da raça negra. Acentuar, por exemplo, que essa gente que se submete, que se anula, que se humilha na dôr e que nunca sentiu diante do régulo nem ao menos os impulsos do animal ferido ou fustigado — não era destituída de intelligência e de valor moral para a vida da sociedade. Pois na condição humilhante de ente sórdido, abandonado ás inclemências da sua triste sina, guardava o negro africano qualidades excelentes que devem ser tidas como fundamentais da raça, porque são as que permanecem através das vicissitudes que ela vai sofrendo. Mesmo lá na Pátria do seu castigo, o homem preto tem todos os nobres instintos que nós outros julgamos só peculiares á civilização: ama o seu semelhante e por êle revela uma solicitude ver-

dadeiramente fraternal; tem espirito de caridade admiravel; respeita as sepulturas; venera os velhos e rende culto aos antepassados; tem um sentimento profundo do bem e da justiça; mostra paixão da natureza, do canto e da musica. O negro não pode ser considerado, portanto, inferior ás grandes raças que tiverem o seu papel na historia; e só por circunstâncias excepcionaes do seu destino é que se explica a situação de inferioridad em que se encontra em relação a outras correntes humanas.

Creatura leal, dócil, afetiva em extremo, o negro lá na Africa tinha familia, vida coletiva regulada por leis, instituições juridicas, idéias religiosas, culto público, cerimônias fundamentais de toda existência humana, e mais ainda — o sentimento de hierarquia e perfeita noção de dever e da prática do bem e da justiça.

### Música e Educação Física, Recreação e Jogos

*O elemento africano*  
*Costumes característicos:*  
*Festas, lendas, tradições,*  
*etc.*

#### Orientação geral:

Comentar a grande predileção do negro pela música, pelo canto e pela dança.

Citar o uso de tambores, bafalo, marimba, trombetas, flautas, flautins, tamtam, etc, nos brinquedos e festanças.

A dança do maracatú, do bahiano; o samba; as congadas e as taiêras.

O costume de festejarem os africanos as colheitas, as pescarias, as grandes caçadas, por meio de danças e cantorias. Suas manifestações de culto especial pelas plantas e frutos para os quais a terra é mais generosa, como por exemplo; o inhame, a mandioca, a abóbora, etc. As cerimônias festivas para celebrarem certas fases da lua e do sol, a coroação dos reis, as vitórias, as alianças, os natalícios, as núpcias, a fundação de novas aldeias, os grandes empreendimentos, quer militares, quer de outra natureza.

Observação: — Do programa orfeônico, estabelecido pelo maestro Vila Lobos, extrair-se-á cantigas de negros escravos, que serão exibidas no Auditorium da escola, no dia 31 de Maio do corrente, dia esse em que o projeto em vigor será ter-

minado com a primeira reunião do Clube Literário «Humberto de Campos».

Estas cantigas serão acompanhadas de danças regionais dos nossos negros, a carater, a cargo da Professora especializada em Educação Física, Recreação e Jogos, com o auxilio de instrumentos típicos africanos, executados por um grupo de alunos da escola.

#### BIBLIOGRAFIA AUXILIAR —

«História do Brasil», Rocha Pombo—Tomo II capitulo III, pag. 477.

«História Geral do Brasil», Visconde de Porto Seguro (pags. 270 271—festas).

«História da Música», Renato de Almeida.

«Ao som da viola», Gustavo Barroso.

«Folclore pernambucano».

«Festas e tradições populares do Brasil», Melo Moraes Filho.

«Nova coleção de hinos, canções e lundús», Joaquim Norberto Souza.

«Enciclopédia baiana», Francisco Pereira da Costa.

«Lendas e tradições brasileiras», Afonso Arinos.

«Cantos Populares», Silvio Romero.

«Idéias e palavras», Gustavo Barroso.

«Mocidade», Maximino Moura Santos (pg. 40 — batuque).

«Páginas brasileiras», N. Costa (pag. 251 — a moagem; pag. 254 — festas).

«Pindorama», Ofélia e Narbal (pag. 80 — músicas nos tempos coloniais reinado — pgs. 20 e 24).

«Meu grande Brasil», Angelina Amaral — (pag. 120 — musica brasileira).

#### ESTUDOS SOCIAIS

##### O TRÁFICO

Brasil colonia—vida dos colonizadores nos primeiros tempos; escravização do índio e do negro.

Estudo pormenorizado da escravização do negro.

*Historia do Brasil*  
(4º e 5º ano)

*Orientação geral (para as referências do escravo negro):*

— Explicar, de um modo suscito, as relações dos primeiros navegantes cristãos com os indigenas da costa africana de oeste, no seculo XV.

Lembrar a figura de Gil Eanes—o primeiro português que levou para o reino alguns negros da Africa.

— A experiencia de tráfico negro para as ilhas da Madeira e Porto Santo, para os Açores e Cabo Verde, e finalmente para o Brasil.

— Como era feita a compra de escravos na Africa. O transporte para o Brasil. O aspecto sinistro dos «navios negreiros». A travessia penosissima através do Atlântico até a costa americana: os flagelos da sede, da fome, das epidemias, dos castigos, na profundeza daqueles báratros flutuantes.

— O destino dos negros ao chegarem aos portos brasileiros: iam para as fazendas os que eram contratados; para os armazens das feiras os que eram livres de contrato.

— A Baía e o Rio de Janeiro como dois grandes entrepostos de introdução de escravos.

— Observar que não foi o Brasil o núcleo mais denso da população negra na América; nem nos tóca, a nós, a prioridade do tráfico. Antes de nós, importaram os espanhóis as primeiras levas nas Antilhas desde os principios do sec. XVI. Cuba e Haiti tornaram-se, definitivamente, sobretudo esta ultima, o maior centro de elemento africano em toda a America, e a tal ponto que, ainda hoje, numa porção consideravel da antiga Hispaniola, é a negra a raça preponderante.

#### BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

«Castro Alves», (monografia fornecida pela Biblioteca Infantil).

«Espumas flutuantes», de Castro Alves (para leitura do «Navio Negreiro»).

«Ciencias sociais», de Ariosto Espinheira, voi. 4 — pag. 42.

«História do Brasil», de João Ribeiro.

«História do Brasil», de Otelo Reis—pg. 210

«Pequena Historia do Brasil», de Francisco Viana—pag. 108.

«História do Brasil para crianças», Viriato Corrêa—pg. 119.

#### GEOGRAFIA GERAL

*Mapa-mundi e planisfério.* Localização dos continentes e oceanos. Assinalar as ilhas da Madeira, Porto Santo, Açores e Cabo Verde, na Costa Africana. Destacar no Oceano Atlântico o roteiro, para a América, dos «navios negreiros», com referências especiais aos pórtos da Baía e Rio de Janeiro. Assinalar, nas Antilhas, nas Antilhas, as ilhas de Cuba e Haiti. *Nossa raça e nossa lingua.* (Particularizar as referências á raça negra).

*Mapa-mundi e planisfério:* estudo da diversidade de raças e linguas; indicação e localização das cinco raças principais, relativamente aos continentes.

Estudo especial dos pontos da costa africana, de onde partiam as levas de negros para a América.

*ATIVIDADES* — Modelar, no tabuleiro de areia, durante as aulas, o continente africano e o continente americano; entre os dois, um trabalho em cartonagem, armada e pintada, representando um «navio negreiro» e sua tripulação.

Trabalho de «slojd» e massa plastica: em grande formato, confeccionar uma antiga caravela, trazendo ao tombadilho uma leva de negros, em atitude de dança, ao som do chicote do feitor.

Funções dos vegetais—nutrição e reprodução. (Referencias particulares a raízes, caules, folhas e frutos cuja lavoura, entregue aos braços dos colonos, constituiu fonte de riqueza do Brasil colonial).

Estudo do vegetal (ampliando o programa de 4.º ano, visando as mesmas finalidades).

4.º ano

5.º ano

4.º ANO

5.º ANO

## BIBLIOGRAFIA —

«Ciencias sociais» — A. Espinheira vol. 5  
«Minha terra e minha gente» — Afranio Peixoto — pag. 115  
«Meu grande Brasil», Angelina Amaral.  
«Geografia comercial», de Lindolfo Xavier.

Linguagem e Matemática  
e  
Desenho e Artes Aplicadas

Influência do africano — na Lingua,  
nos costumes nas artes, etc.

## Orientação geral —

— Lembrar que, da intromissão da escravatura negra em nossa terra, resultou o incorporamento ao nosso léxico de termos africanos, muito familiares às crianças, como: quitanda, giló, quiabô, quingombo, baláio, cangica, quitute, xingar, mandinga, vatapá, carurú, mugunzá, etc.

— Salientando os costumes característicos do Brasil escravagista, é interessante destacar a figura da *mucama* e do *moleque* de estimação, companheiros inseparáveis da família branca; os passeios da senhora branca na sua *liteira* ou *palanquim*, acompanhada do moleque uniformizado; as viagens dos senhores escoltados por pagem, além dos escravos que conduziam a *tipóia* ou *rede*; a negra africana como ama de leite dos filhos brancos do senhor.

— Combater as abusões e crendices absurdas que os negros infiltraram no espírito do povo brasileiro, dentre as quais a feitiçaria da «mandinga» e as cenas impressionantes de «macumbas» e «candonblés».

— Focalizar certos hábitos, usos, vícios, modos de viver, gostos, diversões dos nossos negros. (Lembrar a origem entre nós do uso do cachimbo).

— A influencia do africano na nossa arte culinária; a confecção das delicadas rendas de *bilro* pelas mucamas.

## ESTUDOS SOCIAIS

*Distribuição do elemento africano pela diversidade de trabalhos*

Brasil colônia — vida dos colonizadores dos primeiros tempos; escravização do indio e do negro. Estudo (continuação) do particularizado da escravização negra. Expedições exploradoras — Tomé de Souza — Jesuitas.

Historia  
(4º e 5º ano)

*Orientação geral* (quanto á parte referente ao negro)

Considerar que, ao Brasil, sómente com alguns donatários chegaram os primeiros negros. Os africanos eram empregados, a principio, exclusivamente em serviços domésticos e só depois no trabalho dos engenhos e da lavoura. A medida que progredia a lavoura da cana e o fabrico do assucar, intensificava-se a importação de escravos, principalmente para as capitâneas do norte e nordeste. Quando foram descobertas, nos nossos sertões, as grandes minas de ouro, pelos sec. XVI, XVII e XVIII, cresceu mais ainda o tráfico de negros, pois a estes ficou entregue quasi todo o peso do trabalho das minas e da produção agrícola. Assim que, em meados do sec. XIX, entrou em decadência a industria metalúrgica no Brasil, continuou ainda em franca atividade a importação de escravos, pois toda a economia nacional se fundamenta no trabalho da terra, exclusivamente confiado ao negro. Toma grande incremento a lavoura da cana de assucar, do fumo e do café.

Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro tornam-se núcleos de densa população negra.

## BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

«Ciencias sociais», de A. Espinheira — Vol. 4 e 5.  
«H. geral e do Brasil», Visc. de Porto Seguro (o trabalho dos escravos, pag. 269).

«A Pátria Brasileira», Coelho Neto e Olavo Bilac (o trabalho do escravo—pag. 267).

«Minha terra e minha gente», Afranio Peixoto (trabalho do africano pgs. 216 221).

«História do Brasil para crianças», Viriato Corrêa.

História da Civilização Brasileira», Pedro Calmon—pag. 37

«Alma Cívica», Vitrúvio Marcondes—pag. 26.

## GEOGRAFIA GERAL

*Agricultura* (vol. 2—pag. 115)—Causas que determinaram o desenvolvimento da lavoura. Exito da cultura da cana de assucar — base da riqueza do Brasil colonial. *Martim Afonso de Souza* e sua obra em S. Vicente; distribuição de terras aos colonos; cultura de cana de açúcar, construção de engenhos, organização do comercio de gêneros da colônia e de mercadorias importadas da Europa. *Tomé de Souza* — benefícios por êle prestados á lavoura. Importação de escravos — concurso do africano para o desenvolvimento agrícola do pais.

4.º e 5.º ano

A obra missionária e econômica dos *Jesuitas*.

## ATIVIDADES

Trabalho de cartonagem e modelagem: Reprodução de um aspecto colonial do Brasil: um engenho de cana de açúcar, destacando-se na paisagem a Casa Grande e a senzala.

Uma paisagem em relevo, de massa plástica, representando uma cena de negros, batendo ouro, ás margens d'um rio brasileiro.

## Ciências Naturais

*Observação especial* — Sendo um dos objetivos do ensino desta matéria estender as preocupações de conhecer a natureza, seus recursos e possibilidades, em todo o pais; sistematizar, na forma com-

patível com o desenvolvimento dos alunos, as noções de exploração das riquezas naturais—torna-se, portanto, bem oportuno interessar as crianças pelas plantas que influíram na economia nacional, nos primeiros tempos da nossa colonização, salientando as qualidades do sólo e do clima, que determinaram a sua localização nos varios pontos da nossa terra.

## Bibliografia auxiliar:

Histórias brasileiras (Liv. Quaresma) pag. 67

«Os africanos no Brasil», de Nina Rodrigues

«Alma Cívica» pag. 26. V. Marcondes

«A cabana do Pai Tomás», H. Store.

«Páginas brasileiras», de Nelson Costa — pg. 186.

«O pequeno escolar», pags. 47 e 92 (com as figuras de Pai João e Mãe Preta)

«Contos pátrios», O. Bilac e C. Neto pag. 15 (com a figura de Mãe Maria)

«Livro de Nilda», Leonor Posada, pag. 75

«Emilia no Pais da Gramática», Monteiro Lobato.

«H. do Brasil para crianças», Viriato Corrêa.

«Datas nacionais», Carlos Góes pg. 115

«Mocidade» Maximo Santos, pg. 40

«História de nossa terra — Julia Lopes — pag. 83

«Esperança», de Lindolfo Xavier (Os pátrias).

## Adaptação ao programa de linguagem

4.º e 5.º ano:

*LEITURA*: (dentro do plano) —

Leitura oral de trechos de seletas, livros de leitura, jornais, revistas sobre assuntos relativos ao plano, com interpretação, comentário e crítica. Leitura silenciosa de livros recreativos da biblioteca de classe ou biblioteca central da escola, seguida de questionários ou resumos, orais e escritos. Leitura oral ou silenciosa para pesquisa de assuntos estudados em classe com notas, resumos ou pequenos relatos. Leitura explicada de poesias e trechos literários referentes aos escravos.

*COMPOSIÇÃO* (dentro do plano).

Palestras a título de composições orais ligeiras, narrações, descrições, ditados,

redação de cartas nos tratamentos de *tu* e *você*, com assuntos relacionados aos hábitos, usos, vícios, modos de viver, gostos, diversões dos negros, mostrando sua influência nos nossos costumes, na lingua, nas artes, etc.

#### GRAMÁTICA (dentro do plano)

4º ano | Análise léxica. Intensificação dos exercícios para enriquecimento e precisão de vocabulário, quanto aos substantivos e adjectivos, na parte relativa a sinónimos, antónimos, parónimos, homónimos e famílias de palavras. Verbos regulares das 4 conjugações. Verbos auxiliares. Função do pronome; observações, em sentenças, das diversas espécies de pronomes pessoais e de suas variações. Exercícios e jogos para compreensão e prática do emprego dessas variações e, com especialidade, das de 3ª. pess.—*lhe, o, se.*

5º ano | Análise léxica—Ampliação do estudo de substantivos e adjectivos, visando enriquecimento de vocabulário, como no 4º ano. Verbos regulares das 4 conjugações; verbos auxiliares; os verbos irregulares *ter* e *haver* (exercícios variados para compreensão do emprego especial desses verbos). Função do pronome; observação em sentenças, das diversas espécies de pronome; observação em sentenças, das diversas espécies de pronomes pessoais e de suas variações. Exercícios e jogos para compreensão e prática do emprego dessas variações.

#### ATIVIDADES:

Confecção de um dicionário contendo os termos africanos familiares às crianças. Um jornalzinho, manuscrito, trabalho coletivo dos dois turnos, documentando as diversas etapas da realização do projeto nas classes. Aplicações artísticas das páginas do «Album Debret». Confecção da *tipóia* ou *rêde* que transportava o «Sinhô branco», e da *liteira* que conduzia a passsão a «Sinhá Dona» ou «Sinhá Moça». Ilustrações diversas em cartolinas e cadernos de classe e variadas aplicações de re-

cortes de figuras trazidas pelas crianças. Organização de um programa literario entre os dois turnos, para o Clube Literario «Humberto de Campos». Confecção de bonequinhos pretas, vestidas de «baianas», trazendo nos balainhos da cabeça doces típicos das senzalas.

#### Adaptação ao programa de Matemática:

4º ano | Intensificação do estudo do sistema métrico (unidades usuais). Perímetro do quadrado e do retângulo. Tonelada métrica e quintal métrico. Círculo e circunferência. Medida de ângulos.

5º ano | Medidas agrárias. Aro—múltiplos e submúltiplos. Alqueire. Área e perímetro do paralelogramo, losango e trapézio. Volume. Metro-cúbico—múltiplos e submúltiplos.

OBSERVAÇÃO — O enunciado dos problemas do 4º e 5º ano relacionar-se-á, tanto quanto possível, aos assuntos de medida e adubagem de terras; plantações, sementeiras, colheitas, exportação, etc., dos produtos em evidência na fase agrícola e industrial do Brasil colônia.

#### ESTUDOS SOCIAIS

##### *Protestos da raça contra a escravidão*

4º e 5º ano | *História* Os quilombos. A grande República de Palmares. A epopéia do quilombo de Zumbi.

##### ORIENTAÇÃO GERAL —

Acentuar, dentre os gêneros de provas que do seu valor sobretudo do seu valor moral, deu de si a raça africana—as que consistem nos protestos, às vezes resignados e silenciosos, outras vezes altivos e formidáveis, com que clamou contra a violência e o castigo. Mostrar que o negro, a princípio, não teve por si a misericórdia de nenhum coração. Desplacado da sua Pátria, via-se na terra estranha como num abandono de deserto. No seu exílio não tinha sequer um ente acessível ao seu clamor, uma alma a cuja piedade pudesse recorrer, suplicante, nos

momentos de amargura: todo aquele mundo, surdo e fechado, tinha para êle a mesma repulsa que se tem pelo simples animal.

Em que estado, pois, de humilhação e de abatimento havia de sentir-se aqui a pobre alma do negro!

No Brasil (como em toda a America) ele sentiu fundo a ignomínia e protestou contra a força desde o dia em que pisou a terra do degredo. Primeiro, protestou pelas lágrimas, pelo confrangimento, pelo suicídio. Depois, passado o susto da catástrofe, recuperando os animos, protestou pela fuga, pela revolta, pela insurreição.

Em seguida, os protestos da raça deixaram de ser materiais e clamorosos e em vez de irromperem do instinto, já vinham da consciencia: o negro aceita os processos da história e reconcilia-se com o destino. E é de então por diante que o africano, depois de haver provado as mesmas qualidades humanas, as mesmas virtudes heróicas das outras grandes raças, passou a dar testemunho dos dotes excelentes que tanto elevam a sua espécie. Pelo coração, pela intelligencia, pelo espírito, por todas as grandes faculdades creadoras, não se mostrou ele, de modo algum, inferior ao branco. O próprio africano puro chegou a dar tipos nas letras, nas artes, nas sciencias que emparelham com as figuras culminantes de que mais se desvanecem as raças consideradas como superiores.

#### ATIVIDADES —

Reproduzir, em relevo, sobre uma prancha de madeira, a Republica de Palmares, destacando-se a mussumba, os quilombos, os negros, as palmeiras

#### BIBLIOGRAFIA —

- «Pequena seleta de leituras morais e cívicas», de Scaramelli, pg. 13.  
«Espumas flutuantes» (poema dos escravos) de Castro Alves.  
«História do Brasil», de Rocha Pombo (curso superior) pag. 270  
«Sombras que vivem», João Teledo, pag. 78.  
«Hist. do Brasil para crianças», Viriato Correia, pag. 122.  
«O caminho da vida» pag. 75  
«Leituras para o 3º ano», Maria Rosa. M. Ribeiro—pag. 58

«Datas nacionais», Carlos Góis—pag. 115.  
«História da Civilização Brasileira», Pedro Calmon, pags. 33, 34, 35-37.

«Historias da nossa terra», Julia Lopes Almeida, pag. 85

«Jornal do Brasil» — (suplemento literario do dia 7-5-37).

#### Estudos Sociaes

*A campanha abolicionista e seu desfecho glorioso a 13 de Maio de 1888*

*História* (4º e 5º. ano) | Abolição da escravatura no Brasil.

#### Orientação geral:

— Primeiros movimentos em favor da extinção do tráfico.

— Tentativas dos espíritos elevados para a abolição da escravatura em nossa terra.

— A figura admiravel de Castro Alves, o vibrante cantor do *Navio Negreiro* e *Vozes d'Africa*, pondo a arte ao serviço da concórdia e da piedade entre os homens, erguendo, em defesa da raça martirizada, as suas estrófes vibrantes de cólera e de recriminações.

— A acção de José Bonifácio, do Visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Rui Barbosa, João Clap, Benjamin Constant, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, e outros, no sentido de apagar, no solo brasileiro, uma nódoa tão comprometedora para um povo, como o nosso, que já se ingressara na grande corrente da civilização ocidental.

— Como a Princesa Isabel conquistou a simpatia e gratidão do nosso povo, assinando a Lei Aurea, na ausência do Monarca, incorporando-se, assim, ao glorioso Panteon dos nossos abolicionistas.

#### Bibliografia:

- Crestomatia*, de Radagásio Taborda, pag. 201.  
*Pequena História do Brasil*, de Ficº. Vana (abolicionistas) pag. 115.  
*História do Brasil para crianças*, V. Correia, pag. 235.  
*História do Brasil*, de Mário Veiga Cabral.  
*História do Brasil*, de Pedro do Couto.  
*História do Brasil*, de Otelo Reis.

*História do Brasil*, de Rocha Pombo.

*História do Brasil*, de João Ribeiro.

**Atividades :**

Aplicações artísticas, em albuns ou quadros de cartolina, dos retratos de abolicionistas notáveis, acompanhados de frases alusivas ao acontecimento histórico de 13 de Maio. Numa cartolina, compôr uma alegoria á liberdade da raça negra, em torno do retrato da Princesa Isabel.

Alegoria a Castro Alves, como poeta

abolicionista.

Aplicações diversas das páginas do *Album de Debret*.

Passêio ao Museu Histórico Nacional para estudos e pesquisas nas salas consagradas aos nossos escravos.

Ligeiros relatórios, palestras e conferências, sobre os temas mais palpitantes e sugestivos, tratados em aula, de modo que os alunos do 1º. turno os leiam aos do 2º., nas classes, e vice-versa, no intuito de se desenvolver entre as crianças o espirito de cooperação, e sociabilidade.

**EXPEDIENTE**

*As assignaturas d'«A Escola Primaria» podem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por ano para o Districto Federal e para os Estados.*

*Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'«A Escola Primaria» — Rua 7 de Setembro, 174— Rio de Janeiro.*

*As collecções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção os preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernádoas. Os pedidos de collecções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.*

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em

qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados a Redacção d'«A Escola Primaria» — Rua 7 de Setembro, 174, — Rio de Janeiro.

Matriz:

**CASA MATTOS**

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

Mariz e Barros, 188-A

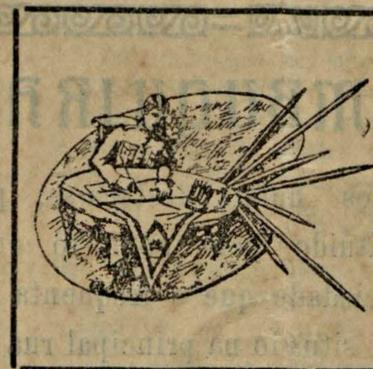
TELS. { 22-3552  
22-3353

**FERREIRA DE MATTOS & CIA.**

TELS { 28-0722  
28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de  
PAPELARIA — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distintos Estudantes encontrarão sempre na **CASA MATTOS** os artigos de melhores qualidades por preços sem competidores



Prefiram sempre as nossas afamadas marcas "ACADEMICOS", "FERRARTE" e "INFANTIL". Cadernos "EDUCATIVO" com mappas do Brasil e — Planisferio —

SÃO AS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS

**Casa Orlando Rangel**

DROGARIA E  
PERFUMARIA

**Rangel Costa & Cia**

Grande deposito de drogas, produtos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionais e estrangeiras

83, RUA REPUBLICA DO PERÚ, 83 — RIO DE JANEIRO

*A que mais barato vende perfumarias*

### Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a atenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimentos de artigos dentarios, que a CASA CIRIOS

offerece em optimas condições.



Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

### CAMBUQUIRA

Dentre seus magnificos hotéis destaca-se, pelo seu predio especialmente constituido, pelo conforto que offerece, e pela escolhida sociedade que o fréquentá — o ELITE HOTEL. Está situado na principal rua da cidade e é o que se acha mais proximo da fontes.

Para mais informações dirigir-se ao seu proprietario — Julio Lemos



# Muitos dependendo de um

O Sr. já considerou como é parecida com a dos alpinistas a sua situação de chefe de família? De sua segurança, pode-se dizer, depende a segurança de sua esposa e de seus filhos no futuro. Agora o Sr. está forte, cheio de saúde e vigor... Trabalha, ganha, gasta, diverte-se... Nada deixa faltar á sua família... Mas que sucederá no dia em que se acabar essa calma e a esposa não puder mais contar com o seu desvelo e com os proventos de seu trabalho? Será possível incumbir-se ella sozinha do sustento e

da educação de seus filhos? Certamente o Sr. não se recusará a conhecer — sem compromisso — o meio commodo e adequado de poder preservar, desde já, o futuro de sua família. Si é assim, faça uso do coupon abaixo. Isto não lhe traz despesa nem responsabilidade alguma. Apenas o orientará na solução deste importantissimo problema.



**A' SUL AMERICA** Caixa 971 - Rio de Janeiro

Queiram remetter-me gratis, e sem compromisso, um folheto sobre Seguro de Vida.

5. NNNN-

Nome \_\_\_\_\_

Rua \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_



Ouça, todas as 6as. feiras, o programma TRES SEculos DE EVOLUÇÃO MUSICAL (A Historia da Musica e dos Grandes Mestres) irradiado sob o patrocínio da SUL AMERICA, das 20,30 ás 21,30 na RADIO TUPI. (1.280 Kilocyclos).

## Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 105

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000
6.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SERIE FUIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coracão.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Tra Mar.....	4\$000
--------------	--------